

## Um vazio em disputa, uma nação inconclusa\*

*An emptiness in dispute, an unfinished nation*

*Un vacío en disputa, una nación inconclusa*

Luciana Murari\*\*

### RESENHA DE:

**GONZÁLEZ GÓMEZ, Lina Marcela.** *Un edén para Colombia al otro lado de la civilización. Los llanos de San Martín o Territorio del Meta, 1870-1930.* Medellín: Universidad Nacional de Colombia, 2015. 515 p.

Na história da América Latina, a amplitude e a diversidade de ambientes naturais localizados à margem da restrita área de intercâmbio colonial com os mercados internacionais e, conseqüentemente, com a dinâmica da inovação capitalista, foram em geral abordados de forma ambígua. Algumas vezes, surgiam como dádiva – dotação divina que escondia recursos inexplorados, prontos a serem convertidos em riqueza material – enquanto em outras tantas definiam-se como ameaça de danação – deserto inabitável, homizio de selvagens, alteridade escondida no corpo da nacionalidade como um inimigo potencial à espreita, à beira da ruptura com a ordem instituída pela nacionalidade moderna.

No caso brasileiro, um leitor da obra de Euclides da Cunha imediatamente reconhece esse diagnóstico em suas narrativas sobre o sertão e a Amazônia, paraísos-

infernos que o escritor reduziu, de modo eloquente, à condição de “desertos”. *Un edén para Colombia al otro lado de la civilización. Los llanos de San Martín o Territorio del Meta, 1870-1930*, de Lina Marcela González Gómez, realiza um profundo mergulho em um desses espaços emblemáticos na trajetória das nações latino-americanas, empreendendo uma exaustiva pesquisa bibliográfica e documental para escrever a história de uma região. A autora percorre as trilhas abertas no Território del Meta ou Llanos de San Martín, de inserção bastante precária na institucionalidade do estado nacional colombiano, no período entre 1870 e 1930, recorte temporal que compreende a difusão da chamada segunda revolução industrial, que reservou papéis específicos às jovens nações de passado colonial, e o encerramento conturbado da década de 1920, marcado por uma das maiores crises da história

\* Financiamento: CNPq.

\*\* Professora da Escola de Humanidades e do Programa de Pós-graduação em História da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS).

do capitalismo internacional. Estamos, portanto, em um momento de intensificação das expectativas de mudança social e de redobrada confiança nos poderes da ciência e da indústria. A conversão disto em realidade estava, entretanto, longe de ser automática, e antes adicionava um componente de ansiedade e desassossego aos que se criam seus agentes.

Dentre os muitos méritos do livro de González Gómez, salta aos olhos a intersecção de diversas perspectivas teóricas, em um exercício transdisciplinar realizado com rigor e fluidez. Basta folhear o alentado volume e descobrir os muitos mapas produzidos pela autora a partir dos resultados de sua pesquisa documental. De fato, o amplo estudo histórico aí empreendido incorpora o conhecimento geográfico como um de seus eixos constitutivos. A proposta da pesquisa é, por outro lado, ainda mais ambiciosa, pois tampouco recusa discussões de cunho antropológico, econômico e político, que se superpõem e que articulam as perspectivas dos diversos sujeitos envolvidos nas tentativas da apropriação social do território em pauta. Assim, à medida que atores os mais heterogêneos palmilham a região – religiosos, militares, burocratas, políticos, empreendedores e cientistas são alguns deles – os testemunhos de sua presença explicitam um repertório não menos diversificado de projetos, muitas vezes prontos a estabelecer negociações com o Estado nacional, em sua busca de garantir a soberania sobre a totalidade do território.

O resultado desse esforço é um painel heterogêneo que está muito longe de fragmentário, uma vez que a pesquisadora mantém-se atenta ao todo enquanto mergulha em cada uma das partes de seu quebra-cabeças, descrevendo um movimento que, recusando a perspectiva evolucionista, ressalta os efeitos da descontinuidade dos esforços de intervenção no espaço geográfico em estudo, um desses atraentes e repulsivos territórios-anátemas da história latino-americana. Através de uma trajetória em que se sucedem movimentos conflituosos e frequentemente erráticos, a dimensão da temporalidade incorpora-se ao trabalho de organização conceitual da pesquisa histórica de forma não linear e não sucessiva, marcada pela irregularidade de reiteradas incursões pelo território, o mais das vezes frustradas. A forma privilegiada para a descrição do movimento histórico no território regional é, assim, a dos ciclos, que permite lidar com a instabilidade e as recorrências, faculta o movimento entre diferentes gradações espaço-temporais, entre personagens individuais e institucionais, entre ações de cunho micro e macro. Curiosamente, o movimento incessante não

afasta a sensação de imobilidade, de maneira que o universo conceitual dos Llanos de San Martín, no período em estudo, parece ser ainda o da geografia, e não o da história, ilusão criada pela frustração dos projetos e pelas permanências incômodas que desenham um percurso conturbado.

Ao delinear o escopo de sua análise, González Gómez parte da definição precisa de seu objeto, a partir do exame da tradição dos estudos acadêmicos sobre a região e dos processos históricos que a conformaram como objeto. Acentuando a diversidade das perspectivas adotadas pelos atores que participaram de sua história e que buscaram escrevê-la, a configuração dos chamados “Llanos de San Martín” ou “Territorio del Meta”, com a exata definição de suas fronteiras e dos diversos ambientes naturais que o compõem, é o primeiro passo para vencer a mistificação e uniformizar os termos de referência. Compreendida entre a cordilheira oriental e o rio Orinoco, e a margem direita do rio Meta e esquerda do rio Guaviare, a região surge, finalmente, como uma realidade tangível e internamente diversificada. Pode, assim, converter-se em um objeto, em direção ao qual convergiram ao longo do tempo demandas políticas, demográficas, econômicas, científicas, religiosas, todas elas alheias à realidade regional.

O território em pauta define-se, assim, a partir da intercessão de linhas de ação e de conceptualização territorial que ressaltam sua heterogeneidade interna, mas que ao mesmo tempo possibilitam traçar as linhas gerais de uma dinâmica histórica específica, no contexto da construção do Estado nacional colombiano. No estudo de Lina González Gómez, a região possui um espaço concreto, à medida que acompanhamos sucessivas tentativas de assimilá-la ao corpo político, institucional e econômico da nacionalidade, e também uma dimensão evocativa, ao longo da sucessão de avanços e recuos que a caracterizam como símbolo dos impasses da modernidade na Colômbia ou, se quisermos, na América Latina. Nesse sentido, o trabalho da autora em muito ultrapassa a especificidade de seu objeto, sendo um daqueles “estudos de caso” que podem se converter em referência para se pensar o fazer historiográfico e a expansão de seu escopo em direção a outras disciplinas.

Nesse sentido, do ponto de vista teórico e metodológico, chama a imediata atenção, como já dissemos, a inserção, a leitura e a produção de registros cartográficos no estudo. Por outro lado, merece também ser observado o tratamento do material textual ao longo do estudo. O fôlego da pesquisadora permitiu a ela incorporar um vasto *corpus* discursivo, composto

por um coro de vozes dissonantes, sujeitos que pensam aquele espaço e nele atuam, conforme interesses os mais variados. Ouvir essas muitas vozes do passado e acompanhar o diálogo da autora com elas é um dos aspectos mais atraentes da leitura desse *Un edén para Colombia...* Aí encontramos os delírios românticos de Alexander von Humboldt (GONZÁLEZ GÓMEZ, 2015, p. 187), em seu elogio da exuberância da natureza americana, além de muitas vozes bem menos célebres: um comerciante que defende a utilidade do sal para a catequização dos indígenas (p. 243); colonos que argumentam pela necessidade de defender a integridade territorial da Colômbia em face da “influencia malhechora de nuestros vecinos de Venezuela” (p. 360); os sonhos de prosperidade do naturalista que imagina a conversão dos recursos naturais em fontes de riqueza e meios de sua circulação (p. 219); a fala comovente da diretora de uma rara escola rural, em que se registra o contraste entre o comportamento diligente dos alunos (ainda que enfermos) e a miséria das instalações físicas que os acomodavam, de modo que “si S.R. viniera se moriría de risa al ver nuestra pobreza (...)” (p. 378); a oratória de um padre católico em torno da ação redentora da civilização sobre os bárbaros indígenas antropófagos (p. 332), o entusiasmo pelo que seria a elevação moral da população por meio da ação missionária (p. 399).

Essa breve ilustração da riqueza das fontes documentais mobilizadas por Lina González Gómez dá uma ideia da natureza polifônica da pesquisa, na qual a expressão de cada um dos sujeitos trazidos à tona adquire sentido por meio de sua incorporação a uma narrativa histórica em que se concatenam temporalidades e espacialidades diferentes, que vão dos súbitos eventos políticos à longa duração da análise geográfica, do estritamente local às dimensões do nacional e dos mercados internacionais. Tal multiplicidade de vozes integra-se, assim, ao fluxo da história, submetido a descrição, interpretação e crítica, o que faz com que esse trabalho possa, ao fim e ao cabo, chegar a uma leitura integradora na qual os processos históricos vividos pela nação colombiana podem ser submetidos a um escrutínio compreensivo e denso, fundamentado na concretude dos tempos e dos lugares que compuseram a história dos Llanos de San Martín.

Ademais, como observou Álvaro Andrés Villegas Vélez na apresentação do livro, uma das características fundamentais da obra de González Gómez é o tratamento conjunto dos fenômenos de ordem discursiva e dos não discursivos, ou seja, das

representações e dos eventos (GONZÁLEZ GÓMEZ, 2015, p. 12). Ao contrário da tendência majoritária no meio acadêmico, *Un éden para Colombia* evita optar por um desses recortes, e caminha entre o registro factual e a construção retórica, reconhecendo a impossibilidade de tratamento autônomo e excludente de qualquer uma dessas dimensões, ou seja, atentando para a natureza textual das coisas simultaneamente à realidade do mundo do texto, pois, como nos ensina Bruno Latour, “o discurso não é um mundo em si, mas uma população de actantes que se misturam tanto às coisas quanto às sociedades, que sustentam ambas, e que as mantém” (LATOURE, 2009, p. 89).

Esse procedimento é também decorrente de uma das referências teóricas explícitas adotadas pela autora no fechamento da pesquisa, qual seja, o conceito foucaultiano de *heterotopia*, que aponta para as condições não hegemônicas em que aquele espaço é descrito, dentro de um campo em que se sobrepõem ordens de significação múltiplas e se estabelecem relações com outros espaços (FOUCAULT, 2009, p. 415-422). Como manifestação da alteridade, cuja complexidade não é evidente, o Território del Meta define-se como uma realidade física e uma concepção mental, constituída essa última, fundamentalmente, em torno da ideia do *vazio*: por mais que, em termos formais, fizesse parte da comunidade nacional, a ausência de conexão entre o espaço regional e a institucionalidade do estado-nação conformava uma realidade *outra*, como que suspensa no tempo e no espaço.

Assim, signo de uma barbárie renitente a ser vencida por meio de ações civilizadoras operadas por agentes externos, o espaço negativo dos Llanos de San Martín pôde ser, demonstra a autora, facilmente revertido em uma positividade virtual, uma *heterotopia heterônoma* de sentido utópico, um mundo edênico capaz de dar abrigo às mais elevadas expectativas redentoras, através da ação de um estado que se supunha *enxadrista*, mas ao qual faltou uma estratégia para a constituição de um território que de fato fornecesse uma base física articulada e coesa para uma comunidade nacional ainda em busca de sua unidade (GONZÁLEZ GÓMEZ, 2015, p. 406-410). Percebe-se, por outro lado, que a imagem paradisíaca dos territórios selvagens do oriente colombiano é inseparável de seu complemento, a imagem infernal, ambas tributárias da percepção de um vazio de conteúdo e de sentido, e de sua continuidade ao longo da história, sintoma da frustração do projeto de construção do estado nacional colombiano.

Essa mesma falha pode, no entanto, ser diagnosticada em muitos outros contextos, não apenas na América Latina, e nem mesmo pode ser restrita aos países hoje ditos “emergentes”, à medida que nações centrais do capitalismo também possuem suas “fronteiras” civilizatórias. A desigualdade do espaço nacional, ou seja, as quebras de continuidade à margem dos territórios efetivamente apropriados pelo estado e pela produção capitalista implantam, no interior de comunidades nacionais que se querem íntegras, a percepção de uma heterogeneidade dolorosa que, efetivamente, descreve déficits de integração territorial, de investimento, de saber, de propósito político, de atualização produtiva, de igualdade entre os cidadãos. Trabalhos como o de Lina González Gómez contribuem para desvendar os processos históricos de criação e

manutenção de disparidades e exclusões, permitindo ao mesmo tempo observar a força da permanência no movimento da história.

## Referências

FOUCAULT, Michel. De outros espaços. In: *Estética: literatura e pintura, música e cinema*. Tradução Inês Autran Dourado. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009. p. 411-422.

LATOUR, Bruno. *Jamais fomos modernos*. Ensaio de antropologia simétrica. Tradução Carlos Irineu da Costa. 2. ed. Rio de Janeiro: Ed. 34, 2009.

Recebido: 11 de novembro de 2016  
Aprovado: 23 de dezembro de 2016

### Autora/Author:

LUCIANA MURARI [luciana.murari@pucrs.br](mailto:luciana.murari@pucrs.br)

- Professora da Escola de Humanidades e do Programa de Pós-graduação em História da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Mestre em História (Universidade Federal de Minas Gerais) e Doutora em História Social (Universidade de São Paulo). Bolsista de Produtividade em Pesquisa do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). Autora de *Brasil: ficção geográfica. Ciência e Nacionalidade no País d'Os sertões* (2007) e *Natureza e Cultura no Brasil, 1870-1922* (2009), além de diversos artigos publicados em revistas nacionais e estrangeiras. Seus trabalhos concentram-se nas áreas de história cultural e intelectual do Brasil, dedicando-se sobretudo à literatura e ao pensamento social. Atualmente estuda as representações da natureza brasileira no período 1923-1945.
- Professor at the School of Humanities and at the Postgraduate Program in History of the Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). M.A. in History (Universidade Federal de Minas Gerais) and PhD in Social History (Universidade de São Paulo). Researcher (PQ) of the National Council for Scientific and Technological Development (CNPq). Author of *Brazil: ficção geográfica. Ciência e Nacionalidade no País d'Os sertões* (2007) and *Natureza e Cultura no Brasil, 1870-1922* (2009), and several papers published in national and foreign journals. Her works are concentrated in the areas of Cultural and Intellectual History of Brazil, focusing mainly on Literature and Social Thought. She currently studies the representations of Brazilian nature in the period of 1923-1945.